

## A ascensão e queda do fascismo em Portugal

António Costa Pinto, *Os Camisas Azuis: Ideologia, Elites e Movimentos Fascistas em Portugal, 1914-1915*, Lisboa, Editorial Estampa, 1994.

Esta obra representa um contributo importante para os estudos da história portuguesa da primeira metade do século xx. É, em primeiro lugar, uma análise histórica da evolução das ideologias e movimentos fascistas em Portugal dentro do contexto analítico comparativo dos estudos sobre o fascismo, o corporativismo e o regime salazarista. É também mais um estudo de caso no campo da política comparada, uma mistura saudável de história e de análise de partidos políticos, ideologias, desenvolvimento e teorias de democratização.

Este livro é um excelente exame de um tema interessante que aguardava a atenção de alguém do calibre de Costa Pinto. Traça a emergência de movimentos fascistas em Portugal, colocando-os no contexto do desenvolvimento de outros partidos políticos e teorias durante e depois da I República. Costa Pinto centra a sua atenção sobre a acção política do período de entre guerras e, especialmente, sobre o Movimento Nacional-Sindicalista (N/S) de Rolão Preto, o movimento fascista mais duradouro e relevante em Portugal. O livro está dividido em três partes principais. A primeira parte foca a emergência do fascismo português e do nacional-sindicalismo após a Primeira Grande Guerra. A segunda parte analisa os aspectos políticos e sociais do nacional-sindicalismo. A terceira parte estuda o conflito entre o regime salazarista e os fascistas.

Costa Pinto começa por analisar os movimentos da direita portuguesa, como o Integralismo Lusitano (IL), monárquico, que foi criado em 1910, com base no modelo da *Action Française*, e foi um dos antepassados do fascismo português. Examina as condições que influenciaram a emergência da direita radical, concluindo que no caso português, dado o relativo subdesenvolvimento do país à época, as principais clivagens eram de regime (republicano/monárquico) e de religião *versus* laicismo, e não de classe social.

---

\* Divisão de Ciências Sociais, Dowling College (Oakdale, Nova Iorque).

A emergência do N/S em 1932 faz-se a partir de um IL fascizado, tendo o resto do IL aderido à União Nacional. O IL-N/S teve um impacto influente em alguns sectores militares, embora o fascismo, enquanto ideologia, tivesse jogado um papel menor no derrube do regime liberal em 1926. Os seus membros envolviam-se frequentemente em violência, sobretudo em tentativas de golpes. Os fascistas tinham de competir com grupos católicos para influenciar e atrair os mesmos indivíduos. O N/S penetrou largamente nas classes trabalhadoras, mas sobretudo entre os trabalhadores previamente sem filiação sindical das regiões de Braga e do Porto, e não entre aqueles que já se encontravam nos campos do anarco-sindicalismo, do socialismo ou do comunismo. A principal força da direita radical era nas zonas rurais do Centro e do Norte e nos centros estudantis de zonas urbanas. Os participantes no IL-N/S eram bastante jovens e simpatizantes da monarquia, embora após a dissolução do IL tivessem gravitado em direcção ao fascismo. O N/S foi influenciado fortemente por movimentos fascistas externos (sobretudo pelos desenvolvimentos italianos, e não pelo fascismo alemão), tal como os comunistas se viravam para a Internacional Comunista para apoio e liderança, embora a influência externa no N/S fosse sobretudo ideológica, e não financeira. No seu apogeu, em 1933, o N/S tinha cerca de 25 000 membros, rivalizando com a União Nacional, o seu principal concorrente na altura. O N/S foi forçado a dissolver-se em 1934, e em 1934 os seus números tinham diminuído para 1541 membros, e finalmente para 300 em 1939, um núcleo duro que permaneceu activo na clandestinidade até 1945 e se envolveu em várias tentativas de golpes.

As paixões e o dinamismo que existiam na direita radical espelham as análises feitas sobre a esquerda radical (anarco-sindicalismo/comunismo), que demonstrava as mesmas paixões. Este livro ajuda a lembrar aos estudantes e investigadores de política a força das ideias e o quanto os indivíduos lutarão por aquilo em que acreditam. Enquanto os comunistas frequentemente categorizavam todos os que estivessem à sua direita como fascistas sociais ou burgueses, torna-se claro que a direita em Portugal era muito mais complexa. Os comunistas e os anarco-sindicalistas não viam o N/S como uma organização independente, mas como uma tentativa de controlar o movimento sindical por parte de Salazar. Tal como os comunistas faziam poucas distinções entre a direita, os fascistas, porque se opunham a todos os aspectos do liberalismo e viam os comunistas e socialistas como tangentes desse mesmo liberalismo, faziam poucas distinções entre a esquerda.

A análise cuidadosa da ênfase colocada pelo N/S no sindicalismo orgânico é um caso especialmente interessante. O N/S era movido por táticas que os seus rivais à esquerda também utilizavam. O N/S procurava organizar a classe trabalhadora e afastá-la dos capitalistas (cegos às consequências de classe das suas perspectivas liberais) e da esquerda (que procurava usar uma

classe contra as outras). O objectivo do N/S era restabelecer o equilíbrio e harmonia nas relações entre classes através de estruturas corporativas.

Costa Pinto fornece bases adicionais para a comparação dos aspectos funcionais e estruturais da teoria dos partidos políticos, em geral, e dos partidos fascistas, em particular, incluindo a forma como estes partidos se encaixam nas tipologias dos sistemas políticos autoritários e totalitários. O trabalho inclui alguma análise da União Nacional e do regime de Salazar. Costa Pinto conclui que, embora o regime tivesse alguns aspectos fascizantes, não era um regime fascista. Os verdadeiros fascistas eram frequentemente perseguidos pelo regime e levados a enveredar pela clandestinidade, embora nunca sofressem o tipo de punições que eram aplicadas aos anarco-sindicalistas e comunistas (como o encarceramento no Tarrafal ou sentenças de prisão longas) e não deparassem com nenhuma repressão séria até 1933. Não só Salazar não era um fascista, como pensava que o fascismo era errado para Portugal, o que explica a sua oposição ao N/S. Os N/S, por outro lado, sentiam que o regime corporativo de Salazar mantinha demasiados vestígios liberais, deixava demasiado poder aos liberais e não dava autonomia suficiente às instituições corporativas.

O autor é, por vezes, excessivamente repetitivo com informação e conclusões; contudo, em termos globais, esta é uma boa análise histórica que deve ser de leitura obrigatória para aqueles que estejam interessados neste período da história portuguesa e uma sugestão de leitura para os que estão interessados nas teorias comparativas com as quais se relaciona. Ao longo do trabalho, Costa Pinto fornece conclusões e sugestões sobre quais as áreas onde deverá ser feita pesquisa adicional para preencher lacunas nas análises históricas. Talvez possamos esperar que ele próprio possa vir a preencher algumas dessas lacunas em trabalhos futuros.